

Traduzido do original em inglês
Pictures from Pilgrim's progress: a commentary on portions of John Bunyan's immortal allegory

Texto
Charles H. Spurgeon

Tradução
Talita Ramos Nunes

Preparação
Rosa M. Ferreira

Revisão
Edson Nakashima

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Imagens
Vectorcarrot/Shutterstock.com;
Naddya/Shutterstock.com;
art of line/Shutterstock.com;

Salvo quando especificado, todas as citações das Escrituras são da Almeida Corrigida e Fiel (ACF), Sociedade Bíblica Trinitariana.
Citações das Escrituras indicadas como ARA são da João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil.

Para citações e nomes próprios em português referentes à alegoria em dois volumes de John Bunyan, foram usadas as versões *O peregrino*, trad. Beatriz S. S. Cunha (Jandira, SP: Principis, 2019), para o volume um, e *A peregrina*, trad. Eduardo Pereira e Ferreira (São Paulo: Mundo Cristão, 1999), para o volume dois. Ocasionalmente ajustes ao texto foram necessários para corresponder ao uso que C. H. Spurgeon faz das citações.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S772c	Spurgeon, Charles H. Caminhando com o peregrino: Retratos de porções da imortal alegoria de John Bunyan / Charles H. Spurgeon ; traduzido por Talita Ramos Nunes. - Jandira, SP : Principis, 2020. 192 p. : il. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura cristã) Tradução de: Pictures from Pilgrim's progress: a commentary on portions of John Bunyan's immortal allegory Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-167-2 1. Literatura cristã. I Nunes, Talita Ramos. II. Título. III. Série.	CDD 242 CDU 242
2020-2379		

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura cristã 242
2. Literatura cristã 242

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Introdução do editor	7
Capítulo 1 – Flexível parte com Cristão	12
Capítulo 2 – Os dois peregrinos no pântano	20
Capítulo 3 – O homem cujo nome era Auxílio	29
Capítulo 4 – “Auxílios”	42
Capítulo 5 – Cristão e os dardos de Belzebu.....	54
Capítulo 6 – Cristão diante da cruz	62
Capítulo 7 – Formalista e Hipocrisia	73
Capítulo 8 – Formalista e Hipocrisia (conclusão).....	82
Capítulo 9 – Cristão chega ao Palácio Belo.....	90
Capítulo 10 – “Entre, bendito do Senhor”	97
Capítulo 11 – Cristão e Apoliom.....	103
Capítulo 12 – Com o que Fiel deparou-se no caminho	114
Capítulo 13 – Com o que Fiel deparou-se no caminho (conclusão)	121
Capítulo 14 – Feira da Vaidade.....	128
Capítulo 15 – Cuidado com o Adulador	137
Capítulo 16 – O Terreno Encantado	145
Capítulo 17 – Como o sr. Temeroso se saiu	154
Capítulo 18 – Como o sr. Temeroso se saiu (conclusão).....	161
Capítulo 19 – Sr. Hesitante e sr. Prestes-a-Tropeçar	170
Capítulo 20 – Cristiana diante dos portões e do rio	180



INTRODUÇÃO DO EDITOR

Quando me informaram que uma série de mensagens sobre *O peregrino* fora descoberta, alegrei-me como quem acha grande despojo, pois tinha a esperança de que, após enriquecer as páginas de *The Sword and the Trowel*¹ essas fragrantas flores pudessem ser reunidas em um gracioso ramalhete. Na misericórdia de Deus, minhas esperanças foram cumpridas. Mês a mês, os Retratos apareceram, por quase um ano e meio, na revista, e temos à mão abundante testemunho de que se mostraram bem recebidos por seus leitores. E agora completou-se o tempo para a publicação do livro, e aqui está ele: um diadema reluzente, agora que as pedras preciosas foram incrustadas juntas.

Três Retratos adicionais serão aqui encontrados, a saber: “Cristão diante da cruz”, “Cristão e Apoliom” e “Feira da Vaidade”. Não surpreende pouco que nenhum vestígio de qualquer referência pôde ser encontrado, no decurso dos sermões, dessas partes marcantes da história. Isso não significa, entretanto, que o grande pregador tenha passado

¹ Revista iniciada por C. H. Spurgeon em 1865, sendo publicada até os dias de hoje. Seu título, cuja tradução seria *A espada e a espátula*, é uma referência ao relato de Neemias 4 sobre os construtores do muro de Jerusalém, que, em uma mão, traziam a ferramenta para a obra e, na outra, a espada para se defenderem. (N.T.)

por elas sem notá-las. Possivelmente não foram documentadas, ou os manuscritos podem ter se perdido. Uma pequena pesquisa nos Sermões de C. H. Spurgeon e em outros trabalhos garantiu material suficiente e, atrevo-me a pensar, material apropriado para os Retratos faltantes. Tão apaixonado por John Bunyan e tão parecido com ele em fé, pensamento e linguagem era o pastor do Tabernáculo Metropolitano, que estou convencido de que outro volume poderia ser compilado abrangendo Retratos de outras cenas e personagens marcantes da gloriosa alegoria. Quem duvida do abundante material que poderia ser encontrado na Biblioteca Spurgeon² para o Retrato de “Cristão sob o Monte Sinai”, “Montanha Dificuldade”, “Castelo da Dúvida”, “Pouca-Fé”, “Terra de Beulá” e “Valente-pela-Verdade”, por exemplo?

Há evidências internas de que essas prédicas foram proferidas nas reuniões de oração de segunda-feira à noite, com o objetivo especial de edificar aqueles que haviam acabado de começar a peregrinação. “Vocês, jovens convertidos”, disse várias e várias vezes o pregador, em seu estilo pessoal e incisivo. Não obstante, os mais vividos em sua congregação, tenho certeza, também eram ouvintes ávidos e encantados. O mesmo acontecerá com este livro. Eis aqui leite para os bebês e carne para os homens. Além disso, a carne é tal que os “bebês” desfrutarão de uma prova desse sabor, e os “homens” ficarão ainda melhores com um ou dois goles do leite.

C. H. Spurgeon foi um mestre do passado na arte de comentar. Quem jamais o ouviu que não tenha se alegrado tanto em sua exposição das Escrituras quanto em suas orações e seus sermões? Ele comentou em impresso sobre Salmos (*O Tesouro de Davi*³), Mateus (*O Evangelho*

*segundo Mateus: A narrativa do Rei*⁴) e sobre Manton⁵ (*Illustrations and Meditations: Or Flowers from a Puritan's Garden* [Ilustrações e meditações: ou Flores de um jardim puritano]); e aqui temos o seu comentário sobre *O peregrino*, “o mais doce de todos os poemas em prosa”, como ele próprio o descreve.

É fácil ver que o Comentarista identifica-se com o Autor e ama sua tarefa. Se alguma vez houvessem conseguido forçar o sr. Spurgeon a preencher a página do outrora bem popular *Álbum de Confissão*⁶, tenho quase certeza de que sua resposta à pergunta “Quem é seu autor favorito?” seria “John Bunyan”. Ele falou do autor vez após vez como “o meu grande favorito”, e deixou registrado que havia lido *O peregrino* pelo menos uma centena de vezes. Não é preciso ir longe para encontrar o motivo desse gosto. Ambos amavam “O Livro dos livros”. Exortando ao estudo honesto das Escrituras, C. H. Spurgeon disse certa vez:

Ah, que você e eu possamos entrar no coração da Palavra de Deus e colocar essa Palavra dentro de nós mesmos! Como eu vi o bicho-da-seda comendo e entrando na folha, consumindo-a, assim devemos fazer com a Palavra do Senhor: não rastejar sobre sua superfície, mas comer e entrar nela, até que a tenhamos levado para dentro de nosso mais íntimo. É vão apenas deixar o olho relancear as palavras, ou recordar as expressões poéticas ou os fatos históricos; mas é abençoado comer e entrar na própria alma da Bíblia, até que, finalmente, você venha a falar na linguagem das Escrituras, e seu próprio estilo seja moldado de acordo

2 Sendo um leitor voraz, C. H. Spurgeon reuniu uma biblioteca pessoal de 12 mil volumes. Desde 2006, parte dela pertence a *Midwestern Baptist Theological Seminary*, que a mantém até hoje. Muitos sermões não publicados de Spurgeon foram encontrados nessa coleção. (N.T.)

3 Publicado em português pela *Publicação Pão Diário*, 2018. (N.T.)

4 Publicado em português pela Editora Hagnos, 2018. (N.T.)

5 Thomas Manton, clérigo puritano inglês do século XVII. (N.T.)

6 Os álbuns de confissão, populares na Grã-Bretanha do final do século XIX, eram livros com uma série de perguntas a serem respondidas pelo dono do livro e por seus conhecidos. Há variantes mais antigas e mais recentes dessa proposta, como o *album amicorum* [álbum de amigo] ou o livro de autógrafa. No Brasil, nos anos 1990, era comum entre adolescentes algo semelhante, conhecido como caderno de perguntas, enquete, questionário. (N.T.)

com os modelos bíblicos, e, o que é ainda melhor, seu espírito seja temperado com as palavras do Senhor. Eu citaria John Bunyan como um exemplo do que quero dizer. Leia qualquer coisa dele e você verá que é quase como ler a própria Bíblia. Ele a leu até que sua alma estivesse saturada com as Escrituras; e, embora seus escritos sejam encantadoramente cheios de poesia, ele, todavia, não pode dar-nos *O peregrino* – este seu mais doce de todos os poemas em prosa – sem nos fazer continuamente sentir e dizer: “Ora, esse homem é uma Bíblia viva!”. Fure-o em qualquer lugar, seu sangue é biblino, a própria essência da Bíblia flui dele. Ele não consegue falar sem citar um texto, pois sua própria alma está cheia da Palavra de Deus. Eu recomendo o exemplo dele a vocês, amados.

Além disso, a linguagem do Ilustríssimo Sonhador estava na mente do Pastor do Tabernáculo. Eles falavam a mesma língua. Em uma prédica proferida em 1862, por ocasião da restauração do sepulcro de Bunyan, Spurgeon assegurou a seus ouvintes que as obras de Bunyan não lhes exigiriam tanto a constituição como as de Gill e Owen⁷. “Elas são uma leitura agradável”, disse, “pois Bunyan escrevia e falava o saxão simples e era um leitor diligente da Bíblia na versão antiga”.

Era, sem dúvida, a intenção de meu querido pai publicar essas prédicas, pois ele iniciara sua revisão. Gostaria de que ele tivesse sido capaz de realizar a tarefa. Elas ficariam assim muito mais perfeitas. Como está, nós as temos bem como as pronunciou. Não há como confundir a voz dele nessas sentenças sentenciosas.

Julgo que, se houvesse sido poupado para editar essas homilias e escrever uma introdução, ele teria exortado seus leitores, como fez com seus ouvintes na ocasião antes mencionada, a erguerem um monumento

a John Bunyan no próprio coração, a se tornarem seus descendentes, absorvendo a verdade que ele ensinou e mantendo fresca a lembrança dele ao viver na mesma fé.

Que a leitura atenta destas páginas crie um amor pelo livro que elas explicam e aplicam, bem como pelo Livro do qual ambos os escritores estavam “saturados”.

Thomas Spurgeon
Clapham, 1903

⁷ John Gill (1697-1771) e John Owen (1616-1683) são dois puritanos piedosos de estilo literário reconhecidamente difícil de ler. (N.T.)



CAPÍTULO 1

FLEXÍVEL PARTE COM CRISTÃO

Ao lado da Bíblia, o livro que mais valorizo é *O peregrino*, de John Bunyan. Creio tê-lo lido pelo menos uma centena de vezes. É um volume do qual nunca me canso, e o segredo de seu frescor é o fato de ser tão amplamente compilado a partir das Escrituras. É, na realidade, um ensino bíblico colocado na forma de uma alegoria simples, porém muito tocante.

Tem estado em minha mente dar uma série de mensagens sobre *O peregrino*, pois os personagens descritos por John Bunyan têm seus representantes vivos nos dias de hoje, e suas palavras têm uma mensagem para muitos que se encontram em nossas congregações no tempo atual.

Você se lembra que, quando Cristão, “com um livro em mãos e um grande fardo nas costas”, clamou: “Que farei para ser salvo?”, ele viu “um homem chamado Evangelista vindo em sua direção”, que lhe apontou a porta estreita e a luz resplandecente. Nesse momento, Bunyan diz:

Então, vi em meu sonho que o homem começou a correr.

Não estava muito longe de casa, mas a esposa e os filhos, ao perceberem que corria, começaram a suplicar que retornasse. O homem, porém, tapou os ouvidos e continuou a correr, clamando: “Vida! Vida! Vida eterna!” (Lc 14.26). Não olhou para trás; antes, fugiu em direção à campina (Gn 19.17).

Os vizinhos também saíram à rua para vê-lo correr (Jr 20.10) e, enquanto corria, alguns escarneciam dele, outros o ameaçavam, outros pediam que voltasse. Dentre estes que o faziam, havia dois que resolveram impedi-lo à força de partir. Um deles chamava-se Obstinado e o outro, Flexível.

Em vez de ceder a eles, Cristão começou logo a suplicar que o acompanhassem. Obstinado respondeu a todos seus apelos com zombaria e insultos, mas Flexível foi facilmente persuadido a ir. Ele é um tipo daqueles que aparentemente desejam ir para o Céu, mas não estão enraizados em suas decisões, e, portanto, logo voltam atrás. O retrato que Bunyan pintou dele é digno de nossa consideração atenta, pois é verdadeiro em todos os aspectos.

É significativo que, em um primeiro instante, Flexível tenha ido com Obstinado na perversa missão de se empenhar para trazer Cristão de volta à Cidade da Destruição. Da mesma forma, alguns dos que têm o hábito de manter a pior companhia podem, às vezes, mesmo sem a operação da graça de Deus sobre eles, ser induzidos a abandonar seus companheiros maus e lançar-se à sorte, por um período, com os seguidores de Cristo.

Essas pessoas Flexíveis, que são ainda uma família muito numerosa, são muito dependentes daqueles por quem estão cercadas. Se acontece de terem nascido em uma família piedosa, é provável que façam uma profissão de religião. É até possível que esses indivíduos sejam tidos em alta estima, e talvez carreguem por anos um caráter cristão de grande

reputação. Se, por outro lado, acontece de serem jogados entre más companhias, serão mui facilmente seduzidos por elas e levados a beber, praguejar e a cair em todos os vícios das pessoas mais fortes por quem são influenciados. Eles mal parecem ser homens. São meras águas-vivas, arrastadas por toda virada de maré. Carecem do verdadeiro elemento da masculinidade, que é a firmeza. Isso, a propósito, Obstinado tinha em excesso. Se fosse possível colocar um Obstinado e um Flexível juntos e torná-los um, poder-se-ia, falando do homem natural, obter algo que se aproxima mais da verdadeira virilidade do que qualquer um deles separadamente. Obstinado tinha toda a firmeza, enquanto Flexível não tinha nenhuma.

Penso que Flexível era um tipo de criatura moldável, e, por isso, Obstinado fazia com ele como bem queria, até que o pobre sujeito entrou no alcance de um homem mais forte que Obstinado, a saber, Cristão. Afinal, não há homem que seja páreo para um Cristão em matéria de influência. Há uma força na verdade, que é confiada a nosso encargo, quando trazida para um jogo justo, que não se iguala a nenhuma forma de mentira. Se a mente de um homem é realmente flexível, não há dúvida de que um Cristão sincero, que foi conduzido pela graça Divina a andar no caminho reto, terá um controle maravilhoso sobre tal pessoa. Tão forte foi a influência de Cristão que, mesmo enquanto Obstinado estava insultando, Flexível repreendeu-o e disse: “Meu coração está inclinado a acompanhar meu vizinho”. Cristão não havia falado muito, ele não parecia exercer muita influência, mas algo já havia impactado Flexível. Na própria presença e aparência de um Cristão há um poder sobre o coração do homem. Além disso, a influência cresce; assim, aconteceu que Flexível foi, em seguida, ainda mais longe, corajosamente declarando: “Seguirei caminho com este bom homem e seu destino será também o meu”.

Percebe-se, entretanto, que Flexível não tinha nenhum fardo nas costas, como Cristão tinha. Essa era uma das provas de que ele não era

um verdadeiro peregrino. O que traz os homens a Cristo é um senso da necessidade que têm de Deus. Embora não seja uma qualificação para a salvação, o sentimento de pecado é, contudo, sempre o único motivo que leva os homens a confiarem em Jesus; é o ímpeto que a graça divina usa quando está atraindo ou dirigindo os homens ao Salvador. Flexível não pareceu, a princípio, ficar grandemente preocupado quando soube que a Cidade da Destruição estava condenada. Mas, quando Cristão falou de modo tão belo sobre o Céu, ele pensou que podia haver algo nisso; na verdade, ele sentiu que devia haver, vendo que um homem como Cristão pôde deixar a família e os negócios para seguir em uma longa peregrinação. Por isso ele julgou que, provavelmente, faria um melhor bem a si mesmo se fosse com Cristão. Mas, em todo o tempo, não havia nenhum fardo às costas; ele não tinha senso da própria necessidade de um Salvador, e esse era um defeito muito grave, para começo de conversa, em alguém que professava ir em peregrinação à Cidade Celestial.

Você observará, também, que a única coisa que tentou Flexível a ir foi a fala de Cristão sobre a “herança incorruptível, sem mancha, que não perece”(1Pe 1.4). Existem alguns pregadores que conseguem discorrer de modo tão belo sobre o Céu – as benditas amizades daquele alegre lugar, “onde nos juntaremos para jamais nos separarmos” –, que metade de seus ouvintes são obrigados a dizer: “Nós também partiremos para lá”. Esses teólogos falam dos muros de jaspe, dos portões de pérola, das ruas de ouro, do mar de vidro e do arco-íris esmeralda ao redor do trono de tal forma que pessoas de temperamento poético, e especialmente as de disposição flexível, têm suas emoções excitadas pelas descrições que dão apenas uma visão material do que se pretendia fosse entendido no sentido espiritual. Elas, de fato, pensam que o Céu seja, literalmente, o que o livro do Apocalipse diz que ele é figuradamente. Nunca chegam ao âmago do sentido interior; é a casca do significado exterior o que as atrai. Elas ficam satisfeitas, encantadas, enfeitiçadas, fascinadas por isso, e, assim, resolvem partir na jornada.

Para dizer toda a verdade sobre o sr. Flexível, devo dizer que ele começou muito bem. Já recordei-lhes que ele defendeu Cristão quando Obstinado o injuriava; e, quando Obstinado voltou seus insultos contra Flexível, e disse: “Que dizes? És tu outro tolo?”, ele não pareceu estremecer com isso. Algumas dessas pessoas flexíveis suportarão até mesmo uma grande carga de perseguição e estarão contentes sendo ridicularizadas e enfrentando zombarias; elas até mesmo sofrerão perdas para não voltar atrás. Se o fizerem realmente “por amor a Cristo”, está tudo bem; mas, muitas vezes, isso é suportado apenas com vistas ao autoengrandecimento e a fim de obter algo melhor por meio de recompensa, de modo que ainda é egoísmo o que as governa. Esses indivíduos desistem de um pouquinho do que há de bom no mundo – e não é muito, no final das contas, que sacrificam – em prol do melhor mundo que ainda há de ser revelado. Eles não desistirão de tudo que têm – “casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras”⁸ – por amor a Cristo e ao Evangelho, e, portanto, não são verdadeiros discípulos de Cristo. Estão preparados para fazer algum pequeno sacrifício, mas unicamente para ganhar o céu ou escapar do inferno.

Observe como Cristão tratou Flexível após Obstinado deixá-los. Ouso dizer que o conheceu antes e entendia muito bem o sujeito maleável e despreocupado que ele era, e como muito facilmente podia ser torcido, quer de uma forma quer de outra. Ainda assim, Cristão não desdenhou a companhia dele, mas lhe disse: “Ora, vem, vizinho Flexível. Traz-me grande alegria ter-te convencido a acompanhar-me”. Você e eu, queridos amigos, temos obrigação de convidar os homens a virem a Cristo, não importa quem ou o que sejam; e devemos tentar encorajá-los o quanto pudermos, muito embora possamos ter em nosso próprio coração um temor bem fundamentado de que alguns deles não resistirão até o fim. Não creio que devamos dizer aos jovens que parecem ser

sinceros quanto a assuntos espirituais que receamos que não perseverem e, assim, os desencorajemos. Nosso negócio é, antes, dizer a cada um deles: “Vem, vizinho; vem comigo e sucederá a ti o mesmo que a mim”. É obra do Espírito encher a rede do Evangelho; é nosso dever jogá-la e arrastá-la pelo fundo; e, se pegamos peixes bons ou ruins, não é tanto preocupação nossa quanto o é de nosso Mestre. Cristão, embora ainda não estivesse ele mesmo em paz, possuía um amor louvável pelos outros. Essa é uma bela característica, que eu gostaria de ver naqueles que sentem a obra auxiliar da graça em sua alma: querer que outros sintam como eles se sentem. Essa conduta por parte de Cristão deveria ser uma lição para alguns de vocês, que há muito tiveram gozo e paz no crer⁹, mas que não dizem a outros: “Vem, vizinho Flexível”. Busquem ter em vocês mesmos algo do zelo e da compaixão desse pobre peregrino de consciência atribulada, mas de coração compassivo.

Assim, Flexível, sem calcular o custo ou avaliar por um momento todas as dificuldades do caminho, embarca, de modo impensado e despreocupado, naquela jornada que sempre se prova longa demais para os que a iniciam somente em sua própria força. À medida que percorriam a planície, Cristão começou a falar com Flexível sobre o que ele mesmo sentira – “o terror e os poderes do invisível”; – mas, tão logo o fez, Flexível mudou de assunto. Não queria saber nada de tais questões; ele havia, de fato, considerado a coisa toda em um sentido carnal. E, quanto aos poderes e terrores e do mundo invisível, ele não sabia nada sobre eles; e, aparentemente, não queria saber nada sobre isso, pois retornou ao que o havia atraído a princípio, e disse a Cristão: “Diga-me mais acerca das coisas de que falaste, como haveremos de gozá-las e para onde nos dirigimos”.

Aqueles dois homens, enquanto caminhavam e conversavam, caíram no erro de falar muito sobre coisas que nenhum deles compreendia

8 Mt 19.29. (N.T.)

9 Cf. Rm 15.13, ARA. (N.T.)

apropriadamente. É verdade que Cristão disse: “Por estares tão desejoso de sabê-las, lerei sobre elas em meu Livro para ti”. Havia aquele bom elemento em sua conversa, que podemos cordialmente louvar; contudo, mesmo isso pode não ser a coisa mais sábia para jovens iniciantes fazerem. É, na verdade, uma coisa sábia ler a Bíblia e conversar sobre o que ela contém; mas isso deve ser feito com muita oração, se for para ser de verdadeiro benefício espiritual. Procuo em vão por qualquer palavra sobre o ato de orar de Flexível, mas leio a respeito de Cristão, mesmo antes de ele começar sua peregrinação:

Mantinha, também, o hábito de andar solitário pelos campos, fosse nutrindo-se pela leitura ou orando; assim fora sua rotina por alguns dias.

Certa vez, avistei-o enquanto caminhava aflito pelos campos, como de costume, devorando seu livro. Ao lê-lo, fez como fizera antes: rompeu em lágrimas, questionando: “Que farei para ser salvo?” (At 16.30,31)

Não foi assim com Flexível. O que ele ouviu Cristão ler do Livro não o fez lamentar, mas o deixou encantado e deliciado. Ele só pensava no País Celestial, não na praga de seu próprio coração nem na natureza condenável de seu pecado. Essas coisas nunca lhe ficaram poderosamente esclarecidas, como ficara para Cristão, e, portanto, ele não disse: “Vem, ajoelhemo-nos juntos e supliquemos por misericórdia”; mas disse: “Bom, querido companheiro, sinto-me imensamente feliz por saber disso. Vamos, apertemos o passo”. Sim, a princípio, não há ninguém tão entusiasmado quanto esses indivíduos ociosos e vazios. “Vamos, apertemos o passo”, disse Flexível. Certamente, irmãos, o conselho é bom, mas não gosto dele vindo de tais lábios. É uma exortação muito apropriada em seu lugar, mas não quando vem de alguém que nunca esteve sobrecarregado por causa do pecado, nem quebrado sob o martelo da

lei de Deus, nem foi levado a sentir a própria nulidade e inutilidade. Vocês que são vazios podem muito bem viajar rapidamente; vocês que nunca sentiram o peso do pecado no coração podem muito bem correr ligeiramente. Flexível é todo pronto a pressionar, fazer rebuliço e criar barulho. Ele assiste aos cultos de avivamento e gosta de prolongá-los; quando está de bom humor, tem disposição de ficar acordado a noite toda, de pôr tudo de cabeça para baixo e fazer todos os tipos de coisas extraordinárias, tudo para mostrar quão cheio de zelo ele é. Mas, em um pouco de tempo, estará acabado. É “qual o crepitar dos espinhos debaixo de uma panela”¹⁰, que queima com tanta força, que faz a panela ferver e apaga o fogo.

“Vamos”, disse Flexível, “apertemos o passo”. Cristão disse: “Não posso andar tão depressa quanto gostaria, pois é pesado o fardo que carrego nas costas”. Então, assim que eles encerraram a conversa, Bunyan conta-nos que se aproximaram “de um pântano enlameado no meio da campina, no qual ambos caíram de súbito, pois estavam distraídos com o assunto. O pântano chamava-se Desalento”.

10 Ec 7.6. (N.T.)



CAPÍTULO 2

OS DOIS PEREGRINOS NO PÂNTANO

Em meio a seu muito falar, pouco orar e não prestar atenção alguma aonde estavam indo, Cristão e Flexível de repente viram-se patinando no Pântano do Desalento. Bunyan diz:

Ali permaneceram chafurdando por algum tempo, quase completamente cobertos de lama, até que Cristão, por causa do pesado fardo que carregava, começou a atolar-se ainda mais.

Mesmo naquela altura, se soubessem onde procurar, poderiam ter descoberto que, “por ordem do Legislador, foram colocadas algumas rochas firmes e sólidas no meio do lamaçal a fim de facilitar a passagem”. Houvessem eles colocado os pés nessas rochas – em outras palavras, houvessem os peregrinos confiado nas promessas de Deus –, poderiam ter ido até o outro lado com quase nenhuma mancha nas vestes.

Sempre me sinto inclinado a culpar Evangelista por parte do desconforto que o pobre Cristão sofreu no Pântano do Desalento. Sou um grande admirador de John Bunyan, mas não o creio infalível; e, outro dia, encontrei uma história sobre ele que acho muito boa. Havia um jovem em Edimburgo que desejava ser missionário. Ele era um jovem sábio, então pensou: “Se é para eu ser missionário, não há necessidade de me transportar para longe de casa; posso muito bem ser um missionário em Edimburgo”. Eis uma dica para algumas de vocês, senhoras, que distribuem folhetos em seu distrito e nunca dão um à sua serva Mary. Bem, esse jovem decidiu começar e se determinou a falar com a primeira pessoa que encontrasse. Encontrou uma daquelas velhas vendedoras de peixe¹¹; aqueles que já as viram não conseguem esquecê-las, são mulheres extraordinárias, de fato. Então, aproximando-se dela, disse:

– Aqui está a senhora, seguindo com seu fardo às costas; deixe-me perguntar-lhe se tem outro fardo, um fardo espiritual.

– Quê? – perguntou ela. – Você quer dizer aquele fardo de *O peregrino*, de John Bunyan? Porque se for, rapaz, eu já me livrei dele há muitos anos, provavelmente antes de você ter nascido. Mas eu lidei com ele de um jeito melhor do que o peregrino. O Evangelista de que John Bunyan fala era um de seus párocos que não pregam o Evangelho; pois ele disse: “Mantenha os olhos naquela luz e corra para a porta estreita”. Mas, santo homem, por quê? Aquele não era o lugar para o qual correr. Ele devia ter dito: “Está vendo aquela cruz? Corra para lá de uma vez!”. Mas, em vez disso, enviou primeiro o coitado do peregrino à porta estreita; e que bela coisa ele conseguiu indo lá!

– Mas, e você? – perguntou o jovem – Não passou por algum Pântano do Desalento?

11 O termo usado em inglês, *fishwives*, refere-se, em primeiro lugar, a mulheres vendedoras de peixes, geralmente esposas ou filhas de pescadores, que acabaram ganhando, na língua inglesa, a fama de serem barulhentas, mal-humoradas e bocas-sujas. O autor pode, inclusive, ter usado o termo para se referir à característica temperamental da mulher, não à sua profissão. (N.T.)

– Sim, passei; mas achei muito mais fácil passar sem o meu fardo do que tendo ele nas minhas costas.

A velha mulher estava certa. John Bunyan colocou o livrar-se do fardo muito longe do início da peregrinação. Se ele pretendia mostrar o que geralmente acontece, estava certo; mas, se pretendia mostrar o que deveria acontecer, estava errado. Não devemos dizer ao pecador: “Agora, pecador, a fim de seres salvo, vai à piscina batismal; vai à porta estreita; vai à igreja; faz isso ou aquilo”. Não, a cruz deve estar bem à frente da porta estreita; e deveríamos dizer ao pecador: “Lança-te ao chão lá embaixo e estarás seguro; mas não estarás seguro enquanto não conseguires livrar-te de teu fardo, e deitar-te aos pés da cruz, e encontrar paz em Jesus”.

Agora deixemos Cristão por um pouco e voltemos nosso pensamento para seu companheiro, Flexível. Essa experiência no Pântano do Desalento foi a primeira prova com a qual ele se deparou desde que começou a peregrinação. Foi, comparativamente, algo leve. O Pântano não estava propenso a engoli-los. Não foi nem de perto tão ruim quanto ficar na masmorra do Gigante Desespero, ou lutar com Apoliom no Vale da Humilhação. Não era muito a que opor resistência, mas foi mais do que Flexível pôde suportar. Bunyan, então, descreve o que aconteceu com o homem:

Flexível começou a indignar-se contra seu companheiro e lhe disse:

– Essa é a felicidade de que falaste por todo o caminho até aqui? Se já nos encontramos nessa situação após mal terminarmos o primeiro trecho, o que nos esperará até o fim da jornada? Quando livrar-me de tamanho mal, tratarei de retornar à minha antiga vida. Por mim, podes possuir o valoroso reino sozinho.

Assim, se esforçou uma ou duas vezes e livrou-se da lama. Então, saiu-se pelo lado do pântano que o levaria de volta à sua casa, distanciando-se tanto que os olhos de Cristão já não o alcançavam mais.

Do mesmo modo, muitas vezes acontece que, sem qualquer grande provação externa, mas simplesmente com desalento na mente, um abatimento repentino empalidece o rubor da alegria inicial, e alguns dos que partiram a caminho para o Céu retornam, provando, assim, que não começaram de forma certa e nunca tiveram a obra de Deus, o Espírito Santo, verdadeiramente na alma deles.

Alguns de vocês, queridos amigos, quando participam dos cultos aqui ou se encontram com seus companheiros em uma ou outra de nossas muitas aulas bíblicas, ficam muito animados, empolgados e entusiasmados. E, então, vocês talvez precisem ir morar no interior, que é como sair de uma estufa para um poço de gelo, e logo se esquecem completamente das experiências felizes de que desfrutaram entre nós. Ou pode ser que, em lugar de vocês ouvirem um sermão reconfortante e alentador, em algum domingo de manhã, eu tenha pregado um que seja provocador e esquadrinhador de consciência, e vocês fiquem ofendidos ou apavorados e desistam de todo desejo de trilhar o caminho dos peregrinos.

A alma temerosa que se cansa e desmaia,
E nos caminhos de Deus não anda mais,
É, contudo, estimada quase como um santo,
E torna assegurada a própria destruição¹².

Cuidado, peço-lhe, com qualquer religião que brote simplesmente do desejo carnal de desfrutar do Céu. Tanto os terrores do inferno quanto as alegrias do Céu são insuficientes para fazerem a alma buscar o Salvador de modo verdadeiro. Deve haver um senso de pecado e um desejo por santidade, porque, afinal de contas, a essência do inferno é o pecado e a essência do Céu é a santidade, e você não fica propenso a ir

¹² Versos do poema de Isaac Watts (1674-1748), *The Psalms of David: Imitated in the Language of the New Testament, and Applied to the Christian State and Worship* (Reino Unido, 1719). (N.T.)

a Deus apenas por causa de inferno ou Céu externos. Só será levado a confiar em Jesus Cristo por meio da essência das duas coisas externas, a saber: o pecado pressionando você e sua alma clamando por pureza, santidade e semelhança com Deus.

Deus permita que não tenhamos nenhum Flexível em nossa igreja! Ai! Algumas vezes nós os temos, e eles vão um bom tanto mais longe na estrada do peregrino do que o sr. Bunyan descreve. Eles vão direto para a casa do Intérprete; escalam a Montanha Dificuldade; até passam a cruz; mas, é claro, não sentem o fardo pesar em suas costas. Eles não estão conscientes de que haja um fardo. Quando os cristãos cantam, eles também cantam, porque pensam que devem ter a mesma herança futura. Geralmente atravessam o Vale da Humilhação em plena luz do dia. Apoliom nunca luta com eles, e se perguntam como pode ser que ele não os ataque. Eles pensam quão boas pessoas são e quão más pessoas devem ser aquelas que têm as agitações e aflições de consciência das quais nos ouvem falar. Não conseguem entender por que falamos sobre cristãos tendo conflitos internos tão acirrados; mas, se realmente conhecessem o Senhor, logo entenderiam tudo sobre isso; e, até que o conheçam, boa parte de nossa pregação deve permanecer um mistério para eles. Flexível era um completo estranho à piedade vital. Ele havia convertido a si mesmo; ou melhor, Cristão o havia convertido com sua conversa sobre o Céu; e, talvez, não fosse pelo Pântano do Desalento, ele teria ido, como Ignorância foi, diretamente para o outro lado do Rio, e seria transportado de barco por Vã-Esperança, apenas para ter recusada sua admissão à entrada do portão e ser carregado pelos dois Seres Reluzentes, tomando-o pelos pés e mãos, e ser lançado no inferno pela porta dos fundos, pois há uma porta dos fundos para o inferno e também uma da frente; e alguns que professaram a fé, que, aparentemente, foram muito longe na estrada para o Céu, acabarão, ao final, indo para o inferno por essa porta, a menos que se arrependam de seus pecados e creiam em nosso Senhor Jesus Cristo.

Mas o que sucedeu a Flexível após sua luta para sair do Pântano do Desalento? Bunyan diz:

Então, vi em meu sonho que, a este tempo, Flexível já havia chegado em casa novamente e recebera a visita de seus vizinhos. Alguns deles chamaram-no sábio por decidir retornar, alguns outros chamaram-no tolo por se expor a tamanho perigo ao acompanhar a Cristão, outros ainda zombaram de sua covardia, dizendo: “Fosse eu, tendo já me arriscado a correr perigo, não desistiria tão facilmente ao enfrentar pequenas dificuldades”. Então, Flexível começou a se esquivar deles, envergonhado.

Há uma coisa no mundo que eu sempre admirei. Nós entre vírgulas dizemos: “Tenho de dar o braço a torcer mesmo para esse diabo”, e eu tenho de dar o braço a torcer para o mundo. Quero dizer que, quando um homem segue um pouco na religião e depois lhe dá às costas, os meros mundanos geralmente o desprezam. Creio que o mundo perverso tem um respeito genuíno por um cristão verdadeiro. Ele o odeia, e essa é a única honraria que é capaz de lhe pagar. A razão pela qual os homens da época de nosso Salvador O odiavam e zombavam Dele era que tinham o que eu poderia chamar de um respeito terrível por Ele, e não sabiam como expressá-lo de outra forma. Eles odiavam e detestavam o que não conseguiam apreciar de modo correto; e, assim, demonstravam, por zombaria e desprezo, o quão longe estavam de compreender a excelência do Salvador. Pode esperar um tratamento similar por parte do ímpio se você for como o seu Senhor.

Mas, quando um pretenso peregrino dá as costas, eles o desprezam; chamam-no de “vira-casaca”, e não poderiam ter encontrado um nome mais correto para ele. “Oh!”, dizem, “há pouco tempo, você estava com as pessoas sinceras e, aparentemente, era tão sincero quanto elas; mas, o que você é agora?”. Então, quando o homem é visto entrando na

cervejaria, você sabe como o cumprimentam. “Ah, sr. Sóbrio-e-Solene!, então você voltou, não é?” Quando o veem a caminho do teatro, dizem-lhe: “Quanto tempo faz desde que você esteve no Tabernáculo?”, ou fazem alguma piada grosseira sobre ele. Eles sabem manejar o chicote do desprezo, e agradeço-lhes por usá-lo, e espero que sempre apliquem seus golpes com força.

Mas, anote aí, o pouco desprezo que Flexível acha tão duro de suportar nesta vida é apenas um ligeiríssimo prenúncio do que terá de suportar no inferno. Você se lembra daquela notável descrição dada pelo profeta Isaías do rei de Babilônia? Quando ele desceu ao inferno, e todos os reis que havia destruído e cujas nações havia devastado estavam deitados em camas de fogo; e, quando veem entrar aquele grande que os havia dominado, em vez de tremerem, assobiam: “Tu também adoceste como nós, e foste semelhante a nós. [...] Como caíste desde o céu, ó Lúcifer, filho da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações!”¹³.

Se algum de vocês der as costas, como fez Flexível, este será o pior elemento do seu tormento eterno: que você, de certa forma, partiu na estrada para o Céu, que fingiu ser um cristão e que disse ter-se alistado sob a bandeira da cruz, que você falava um bocado sobre sua experiência, que você ia à reunião de oração, e talvez até orasse de forma audível, que entregasse folhetos e, no entanto, você era, no final das contas, apenas um hipócrita e, portanto, encontrou-se, por fim, entre as chamas do inferno. Se eu tiver de perecer, que seja como um pecador que nunca professou ser um santo, e não como um Flexível, que começou indo para a Cidade Celestial e depois voltou para casa, na Cidade de Destruição. Seria melhor para aqueles que tiveram o gosto das coisas celestiais na boca e, ainda assim, não provaram que o Senhor é benigno¹⁴, que nunca tivessem sabido nada sobre o caminho da justiça.

Alguns de vocês, queridos amigos, devem ser ou Flexíveis ou Cristãos; vocês têm, de modo natural, uma disposição tal, que não conseguem evitar ser facilmente influenciados por aqueles a quem se associam; e, a menos que a graça de Deus os torne filhos de Deus, vocês se desviarão Dele. Vocês não chegam a ser Obstinado; são bons demais – de acordo com o nosso uso comum da palavra “bom” – são gentis demais, afetuosos demais e com um coração terno demais para agirem como aquele homem agiu com Cristão. Vocês não poderiam rebaixar-se a beber ou praguejar; a influência de sua mãe e o exemplo de seu pai têm muito poder sobre vocês para se tornarem um Obstinado. Não podem pecar como os outros; não podem pecar por ignorância. Quase chego a dizer que gostaria de que pudessem. Se é para se perderem, se não pretendem crer em nosso Senhor Jesus Cristo, se estão determinados a perecer, seria muito melhor perecer como Tiro e Sidom do que como Betsaida, Corazim ou Cafarnaum.

Creio que, quando entram neste Tabernáculo, alguns de vocês sentem que são Flexível. Há alguns nesta congregação, aos quais conheço pessoalmente, que não conseguem deixar de vir me ouvir, apesar de não serem salvos. Prego para eles, e eles sabem que o faço, e me respeitam por isso, e até me agradecem por isso e, às vezes, dizem que esperam se converter algum dia; mas são tão flexíveis, que choram em um sermão e, de certa forma, oram; mas, quando estão longe daqui, uma mão mais forte do que a minha se apodera deles. Algum companheiro lhes diz: “Venha; não importa o que Spurgeon diz, venha comigo”; e eles não conseguem dizer “não”. Eles não têm a coragem moral de dizer que não irão para onde os ímpios os conduzirem. Sempre que são tentados a pecar, eles cedem. Gostariam de que não houvesse tentadores e que pudessem entrar em um mundo onde a bondade estivesse em ascensão. São como um barco à vela, que depende de todos os ventos e é soprado para cá e para lá por qualquer brisa. Não têm força interior para capacitá-los a resistir. Esse não é o caminho para chegar ao Céu.

¹³ Is 14.12. (N.T.)

¹⁴ Cf. 1Pe 2.3. (N.T.)

Você precisa, por assim dizer, de um motor Divino trabalhando de modo poderoso, com toda sua energia arfando e ofegando, de modo que possa fazer avanços contra ventos e ondas, e manter-se sempre seguindo em frente, no mesmo ritmo, sempre firmemente avançando em direção à longínqua porta.

Que Deus, por sua graça, leve você a essa bendita condição! Gostaria de lhe ter falado com tamanha eficácia que você não consiga esquecer-se do que eu disse, antes, que vá para casa pensar sobre isso, orar sobre isso e crer nisso. Gostaria de que você chegasse mesmo a desejar nunca ter nascido, porque, aí então, eu poderia ter esperança de que você desejasse nascer de novo. Não há esperança para você de outra forma. Você nasceu uma vez; não há possibilidade alguma de superar o fato de que tem o seu ser. Peça ao Senhor para que você tenha o seu ser em Cristo Jesus. Você é uma criatura, e a única esperança para você é ser uma nova criatura em Cristo Jesus¹⁵. Que o Espírito Santo o leve a esse ponto! Peça-Lhe que o faça. O melhor lugar para ter um senso de pecado é aos pés da cruz. Que meu bendito Mestre encontre você lá, e o atraia para Ele mesmo, a fim de que você seja salvo e não seja encontrado entre os Flexíveis no final! Amém.



CAPÍTULO 3

O HOMEM CUJO NOME ERA AUXÍLIO

Cristão, porém, fora deixado sozinho, debatendo-se no Pântano do Desalento. Todavia, lutava diligentemente para alcançar o lado do pântano que o distanciava ainda mais de sua casa e o aproximava da porta estreita. Chegando à margem, não fora capaz de desatolar-se por causa do pesado fardo que carregava. Então, avistei em meu sonho um homem, cujo nome era Auxílio, que se achegou a ele e perguntou-lhe o que fazia ali.

CRISTÃO: Um homem chamado Evangelista instruiu-me a passar por este caminho, que me levará a uma porta mais adiante, pela qual terei de escapar da ira vindoura. Enquanto caminhava para lá, caí neste pântano.

AUXÍLIO: Mas por que não atentaste ao caminho diante de ti?

¹⁵ Cf. 2Co 5.17. (N.T.)